

"É preciso descentralizar mantendo a qualidade"

ZULEIKA DE SOUSA

"O Simpósio é uma atividade nacional. Acho que esta polêmica é equivocada no sentido de que não coloca questões realmente importantes". Desta maneira, Paulo Estellita Herkenhoff Filho, diretor do Instituto Nacional de Artes Plásticas/Funarte, vê a questão criada em torno do III Simpósio por alguns artistas brasileiros: "O que você pode fazer com um orçamento de 200 milhões por ano, dos quais 113 se esgotam no Salão Nacional? É um orçamento menor do que o de uma boa montagem de uma ópera de Wagner. Diante disto, temos de estabelecer prioridades", justifica o diretor do Inap.

Paulo Estellita é artista plástico, crítico de arte e advogado. Estudou arte com Ivan Serpa e Ana Bella Geiger e fez mestrado em Direito Constitucional, em Nova Iorque: "Eu sou um artista plástico que não manda trabalho para salão há 11 anos", brinca com cara e jeito de Mário de Andrade. E continua: "Tento escrever sobre arte, textos que saem cada vez mais poéticos e carregados de humor, o que me desidentifica como crítico".

- Na sua opinião, qual é a questão crucial das artes plásticas, hoje, no Brasil?

- A ideologia do mercado. O mercado é que dá condições econômicas ao circuito de arte. Isto será tema de um futuro simpósio. Não é uma visão maniqueísta. Não sou da opinião de que todo marchand deve ser visto com desconfiança. Há marchands corretíssimos. Existem muitos exemplos de como mercado de arte acompanha o processo cultural.

- Como vê a polêmica criada por alguns artistas brasileiros em torno do simpósio?

- Discutir número de obras não tem importância nacional. O simpósio tem a proposta de discutir questões gerais. Não me parece ser esta uma polêmica em que a maioria dos artistas brasileiros esteja interessada. Além disso, faz uma injustiça a Athos Bulcão, Glênio Bianchetti e Cathleen Sidki, que são pessoas elogiadas pelo meio de arte de Brasília. Acho que houve uma distorção por falta de informação: a escolha era entre fazer e não fazer esta exposição. Nos simpósios anteriores não havia exposições.

- Você afirmou que não acredita que as questões levantadas interessem à maioria dos artistas de Brasília. Que questões você acredita que sejam de interesse para a maioria?

- Acredito que esta maioria esteja, por exemplo, querendo discutir qual é a produção de Brasília, qual é a carga simbólica desta produção, se existe uma expressividade própria em Brasília, quais são as condições que estimulam, que diferenciam a produção do artista, que condições



Paulo Estellita, do INAP: em pauta, a descentralização das operações

ele enfrenta para produzir, o que é a formulação do discurso crítico sobre a arte em Brasília, o que é a relação entre arte e arquitetura nesta cidade, quais são os caminhos e equipamentos culturais que a cidade dispõe, como se dá a educação do olhar em Brasília, em termos mais amplos etc.

- Como a Funarte está tratando a questão da descentralização cultural, na área das artes plásticas?

- A descentralização cultural se dá em vários níveis. Um nível radical ocorre em termos de praxe: a Funarte está cada vez menos executando projetos e cada vez mais apoiando a iniciativa de parceiros nas regiões. Hoje, no orçamento em torno de 200 milhões, quase 100 milhões são repassados a instituições de todo o país, seja para pesquisa, instalação de ateliês, galerias de arte, edições de livros, trabalhos com a comunidade, promoções de debates, elaboração de vídeo-teipes. Em outro nível, a Funarte vem operando com comissões formadas por pessoas do País inteiro. A programação da Galeria Macunaima, no Rio, será decidida por uma crítica do Rio Grande do Sul, um artista plástico do Ceará e um representante do Inap. Temos nos valido das informações prestadas pelas delegacias regionais do MEC em todas as unidades da federação, que nos auxiliam na promoção de eventos e no recebimento de propostas.

- Qual é relação dos simpósios anteriores com este?

- Entre outros temas, discutimos a

situação do material de trabalho dos artistas plásticos brasileiros - dificuldades de importação versus material nacional - que evidentemente põe em jogo a sua produção. Se ela desbota ou cria fungos, teremos uma memória desbotada ou fungada. Outro tema: a crítica de arte nas regiões. A crítica tem muitas funções. Se as regiões não têm uma crítica de arte - um discurso sobre a sua arte - isto prejudica a sua circulação social dos trabalhos. Neste simpósio, Brasília terá a oportunidade de ouvir e debater com pessoas fundamentais no processo da arte brasileira contemporânea. Os simpósios anteriores serviram para a descoberta de parceiros nos estados e uma identificação de problemas para distribuição de recursos. Não adianta simplesmente descentralizar; é preciso descentralizar com qualidade.

- E como a Funarte define e trabalha com este critério: qualidade?

- A qualidade é tanto atender uma carência básica quanto produzir um bom resultado. Exemplo: não tem sentido instalar uma galeria de arte em São Paulo, onde já existem mais de 100. Mas faz sentido a edição de "Arte em Revista", número 7, que discute a Pós-Modernidade. Qualidade é estabelecida em termos de prioridades substanciais, a partir de uma visão geral do País.

- A obsessão com a "memória", por parte das instituições, e a obsessão "acadêmica", das universidades, se identificam num projeto de não-intervenção na realidade. Como a Funarte encara isto em termos de

artes plásticas?

- A Funarte tem um projeto universitário. O apoio que a gente dá à Universidade está ligado a um plano-diretor de cultura. Hoje, uma Universidade que não define o que pretende fazer com a cultura não é ajudada pela Funarte. Há experiências muito bem-sucedidas. Na Universidade do Maranhão, Mario Cella está desenvolvendo um belo trabalho. Com apoio da Funarte, os alunos tiveram condições de produzir filmes super-8, audiovisuais, trabalhos em fotografia da melhor qualidade, ganhando diversos prêmios. Carlos Zillo, na PUC/São Paulo, está coordenando um curso de especialização em História da Arte, com todo um envolvimento com a produção contemporânea.

- O artista plástico/crítico José Rezende diz que a crítica de arte está entre o show-business e a tese acadêmica. O que você acha deste discurso universitário?

- Acho que, em termos gerais, ele está certo. Muitos destes trabalhos chovem no molhado, discutem gente que compactua com o sistema "Mãe Belas-Artes", reforçam a ideologia do mercado e sufocam a contemporaneidade.

PROGRAMAÇÃO

HOJE — 9h - Sessão de Abertura
9:30h - Inscrições para participação do grupo de trabalho sobre o tema Região e Regionalismo

10h - Apresentação do tema Região e Regionalismo pelos relatores convidados: Aracy Amaral (SP), João Neves Filho (SC), José Cláudio Silva (PE), Raul Córdula Filho (PB) e Zorávia Bettiol (RS).

13h - Continuação do tema Região e Regionalismo

16h - Reunião para a conclusão do tema do dia

20h - Inauguração da exposição Resumo 83 - Jovens Artistas de Brasília, na Galeria do Banco Itaú - SCS - Quadra 3 - Bloco A

AMANHÃ — 9h - Inscrições para participação do grupo de trabalho sobre o tema Arte na Universidade

9:30h - Apresentação do tema Arte na Universidade pelos relatores convidados: Carlos Zillo (RJ), Eduardo Luppi (MG), José Resende (SP), Mário Cella (MA), Paulo Sérgio Duarte (RJ) e Renina Katz (SP)

13:30h - Continuação do tema Arte na Universidade

15:30h - Reunião para a conclusão do tema do dia

20h - Palestra sobre As Questões da Arte em Brasília pelo fotógrafo Luiz Humberto e pelo arquiteto Raul Molinas. Local: Sala Funarte.

SEXTA — 9h - Reunião da Comissão Nacional de Artes Plásticas

13h - Sessão plenária para apresentação dos documentos finais e encerramento.

Mais artes plásticas na página 7